

Criança brincando!

Quem a educa?

Luiza Helena Tannuri Lameirão



EDITORA
João de Barro

Agradecimentos

Minha gratidão se volta especialmente aos filhos e afilhados e a todas as crianças que encontrei:

as cuidadas e as descuidadas,
as ousadas e as medrosas,
as protegidas e as abandonadas,
as ativas e as contemplativas!

Também se volta aos educadores, pais, professores, estudantes que, com suas questões, me levaram a refletir e buscar sempre novas respostas.

E aos literatos e artistas da palavra, de quem emprestei tantas e que sempre me incentivam a procurar a melhor maneira de expressar o que vivencio, sinto e penso.

Ao Thiago de Mello, pelo contato que estabelecemos, só posso dizer que as afinidades não se mostram apenas por meio da proximidade física, porém pela congruência de ideais, e, mais uma vez, obrigada, companheiro de esperança. A ele, e a todos os demais autores citados, minha homenagem à beleza e imortalidade de suas palavras.

Prefácio

As sincronicidades se apresentam a todos aqueles que ficam atentos a elas e, não é por acaso que completamos este primeiro setênio do século XXI recebendo um presente muito esperado por todos aqueles que têm o privilégio de conhecer Luiza Lameirão e pelos que irão conhecê-la através destes escritos. É nos sete primeiros anos de vida que o brincar prepara as bases e tem sua expressão mais importante para o desenvolvimento saudável do ser humano, etapa na qual a criança se reconhece, descobre, compreende e constrói seu mundo, estabelecendo vínculos através de experimentação, imaginação, fantasia e construção. De forma análoga, nossa querida educadora se reconhece, se descobre e partilha conosco suas próprias imagens, vivências, reflexões e seus saberes, mostrando a importância deste impulso lúdico, o brincar, dando-lhe, na presente obra, o merecido lugar e cuidados, já característicos de sua pessoa.

Criança brincando! Quem a educa? constitui uma importante contribuição para estes tempos em que a brincadeira adquire novos e complexos matizes, convivendo com a tecnologia e o sedutor universo de coloridos e inteligentes brinquedos industrializados; tempos estes de infâncias mais solitárias, menos espaços para brincadeiras espontâneas e coletivas e grandes pressões da escola e da sociedade que, sem consciência, roubam o espaço natural de ser criança.

O brincar, enquanto fenômeno oriundo da natureza da criança, não é tão óbvio quanto possa parecer, dados os atuais debates sobre o assunto através dos quais o âmbito do brincar tem penetrado, em que também se defende o brincar enquanto fenômeno que se aprende. Vivemos uma diversidade interessantíssima de culturas lúdicas, mas pouco as conhecemos e as partilhamos: o consumo sem fim, cada vez mais massificado, de brinquedos quase que descartáveis quando inúmeros outros vêm ocupar seus lugares; o empobrecimento das brincadeiras e estímulos desmedidos nos bufês infantis que querem reinventar um tempo lúdico artificial; a diminuição do tempo do recreio nas escolas e o gradativo desaparecimento do brincar no cotidiano das crianças, substituído por cursos extra-escolares, são alguns alertas a respeito da situação da infância hoje. Neste panorama, a autora convida-nos a refletir, por meio de seus argumentos consistentes e sensíveis, a respeito da natureza do fenômeno lúdico em nossas vidas.

Luiza frisa a importância que tem o contato com a natureza, o respeito pelos ritmos internos e externos e dá grande destaque aos ambientes do brincar e vai além, já que ela própria brinca com as palavras construindo uma poética bem singular, que a caracteriza.

Adriana Friedman

Maio de 2007

Índice



A criança em seu brincar – o educador observando.

11



Envoltórios – o ambiente para o brincar.

25



Os quatro elementos – oportunidades que a natureza oferece para o brincar.

43



Brincar como arte de viver – do aprendizado escolar ao trabalho humano significativo.

57



Um diálogo entre o educador e seu brincar na infância

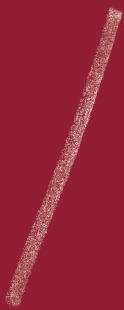
71

*Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
não te pergunto se trazes um recado dos símbolos.
Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.
Brinca na poeira, brinca!
Aprecio a tua presença só com os olhos.
Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que conhecê-la,
Por que conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.*

*O modo como esta criança está suja é diferente do modo como as outras estão sujas.
Brinca! Pegando numa pedra que te cabe na mão,
Sabes que te cabe na mão.
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.*

*Fernando Pessoa **

** PESSOA Fernando, Poemas completos de Alberto Caeiro, 1ª Edição, Ed. Hedra, 2006.*



A criança em seu brincar -

o educador observando

Certa vez, à beira de uma lagoa – uma grande lagoa de água muito salgada – encontrei três meninos brincando. Tentavam empinar pipas! Estas eram iguais em tamanho e forma, variando só na cor. Era perceptível a enorme diferença com que cada um dos garotos se relacionava com o brinquedo que o cuidadoso pai lhes havia escolhido, idêntico para cada um.

O menor dos meninos corria para lá e para cá na areia morna cheia de minúsculas conchinhas e, sempre que escorria uma gota ou um fio de água de seus cabelos molhados, lambia os lábios degustando o sal da água da lagoa. Quando o sol secava sua pele morena, deixava uma finíssima camada de poeira branca, que ele percebia, passando nela a ponta de seus pequenos dedos.

O garoto do meio cantarolava e conversava com a pipa como se ela fosse sua parceira de dança: ora afastavam-se, ora aproximavam-se...

O maior dos três, certamente o mais velho, com seus ágeis braços puxava o fio bem seguro em suas mãos e, com o olhar, não perdia de vista a direção em que a rabiola se estendia, fazendo assim com que a pipa subisse cada vez mais alto!

Os três estavam ali juntos sob os olhos carinhosos do mesmo pai, com o mesmo objeto, um brinquedo tão tradicional; e cada um deles agia à sua maneira.

O que os deixava tão envolvidos sem sequer olhar para a pipa do outro? Qual o aprendizado para a vida que uma atividade assim tão espontânea proporciona?

Seria simplista dizer: eles não têm a mesma idade e por isto se comportam de forma tão diferente. Buscaremos caracterizar, a partir de exemplos colhidos no dia a dia, o que as crianças nos revelam.

A primeira característica observável na atividade de uma criança é o movimento. Movimentamo-nos no espaço por um determinado período de tempo; é como se o tempo se estendesse, se derramasse no espaço. Os primeiros movimentos já acontecem no ventre materno e são muito significativos: espernear, girar, chupar o dedo... muitas mães acompanham essa movimentação com envolvimento e carinho, mesmo sem vê-la.

O constante impulso para agir é que leva a criança a conhecer o mundo. Desde o brincar com as próprias mãos, quando bebê, até o andar, correr, saltitar... Inicialmente ela quer conhecer o próprio corpo, o mundo externo mais próximo a ela mesma. Seus primeiros movimentos – em sua maioria reflexos ou desordenados – ainda necessitarão ser transformados pela vontade própria.

A criança movimenta-se, de início, sem ter consciência e paulatinamente vai tomando posse de seu corpo, ganhando cada vez mais habilidades e destreza. Criança pequena precisa da presença de algo para imitar; por exemplo: um pássaro voa e pousa no galho cantando: “bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi”; ele pode tornar-se modelo para o canto da criança e para o seu ‘vôo’. A capacidade de abstração vem muito depois do movimento, depois de muita experiência de mundo.

Que é a capacidade de imitar senão a entrega total a partir da confiança plena no ambiente? Ao observarmos o mundo que nos rodeia, mesmo que genericamente ou